



LA IDENTIDAD

PROF. Javier Díaz Dalannais

Centro Moralense de las Artes, México

Me permita contar uma história:

“É a história de um homem a quem eu definiria como: buscador...

Um buscador é alguém que busca, não necessariamente alguém que encontra. Nem é alguém que sabe o que precisamente está buscando.

Um dia, o buscador sentiu que devia dirigir-se à cidade de Kammir. Tinha aprendido a fazer caso a essas sensações que vinham de um lugar desconhecido de si mesmo. Por isso deixou tudo e partiu.

Após 2 dias de andar pelos caminhos poeirentos, avistou, ao longe, Kammir. Um pouco antes de chegar ao povo, chamou-lhe muito a atenção uma colina à direita do caminho. Estava coberta de um verde maravilhoso e havia imensas

árvores, pássaros e flores encantadoras. Ao seu redor havia uma espécie de vala de madeira lustrada.

Uma pequena porta de bronze convidava-o a entrar.

De repente, sentiu que esquecia a cidade e sucumbiu lentamente entre as pedras brancas que estavam distribuídas como que à sorte, entre as árvores.

Deixou pasear os seus olhos, que eram os de um buscador, e talvez por isso descobriu aquela inscrição sobre uma das pedras.

Abdul Tareg, viveu 8 anos, 6 meses, 2 semanas e 3 dias

Emocionou-se um pouco ao perceber de que aquela pedra não era simplesmente uma pedra: era uma lápide. Sentiu pena ao pensar que uma criança de



tão terna idade estava sepultada naquele lugar.

Olhando à sua volta, o homem deu-se conta de que a pedra ao lado também tinha uma inscrição. Aproximou-se para lê-la. Dizia:

Yamir Kalib, viveu 5 anos, 8 meses e 3 semanas

O buscador sentiu-se terrivelmente emocionado. Aquele lindo lugar era um cemitério, e cada pedra era uma sepultura. Uma por uma, começou a ler as lápides. Todas tinham inscrições similares: um nome e o tempo de vida exacto do morto. Mas aquilo que mais aterrou foi verificar que o que mais tempo tinha vivido passava pouco mais dos onze anos...

Tomado por uma horrível dor, sentou-se e pôs-se a chorar.

O cuidador do cemitério passava por ali e aproximou-se. Viu-o a chorar, em silêncio, durante algum tempo, e depois perguntou-lhe se chorava por algum familiar.

- Não, por nenhum familiar – disse o buscador – Que passa neste sítio? Que coisa tão terrível há nesta cidade? Porque há tantas crianças enterradas neste lugar? Que horrível maldição caiu sobre esta gente, que os obrigou a construir um

cemitério para crianças?

O ancião sorriu e disse:

- Pode ficar tranquilo. Não existe tal maldição. O que acontece é que aqui temos um velho costume. Vou-lhe contar ...

“Quando um jovem chega aos 15 anos, os seus pais oferecem-lhe um pequeno caderno, como este que aqui tenho, para que o pendure ao pescoço. É tradição entre nós que, a partir desse momento, cada vez que alguém desfruta intensamente de algo, abre o caderno e anota nele:

À esquerda, o que foi o desfrutado.

À direita, quanto tempo durou o gozo.

Conheceu a sua namorada e apaixonou-se por ela. Quanto tempo durou essa paixão enorme e o enorme prazer de conhecê-la? Uma semana? Duas? Três semanas e meia...?

E depois, a emoção do primeiro beijo, o prazer maravilhoso do primeiro beijo.

E a gravidez e o nascimento do primeiro filho?

E o casamento dos amigos?

E a viagem mais desejada?



E o encontro com o irmão que
regressa de um país longínquo?

Quanto tempo durou o desfrutar
destas situações?

Horas? Dias?

Assim, vamos anotando
no caderninho cada momento que
desfrutamos ... Cada momento.

Quando alguém morre,
É nosso costume abrir o
caderninho,

E somar o tempo do desfrutado
Para escrevê-lo sobre a sua
sepultura.

Porque esse é, para nós,
O único e verdadeiro TEMPO
VIVIDO.”

Jorge Bucay



Realizarei minha prática reflexiva em companhia de vocês, com vocês. Falo de prática porque abordaremos isto sobre nos praticar em diferentes situações, domínios, estados, como um fenômeno do emergir de nós mesmos, de fato como única possibilidade de estar aqui... Entendo a partir de isto uma coisa para mim, terrivelmente maravilhosa: Não é a vida a que me permite praticar ou me praticar, mas bem ao inverso, é a prática, a que me dá a vida, a possibilidade de viver, vivo porque me pratico. Conversaremos sobre La Identidad, sobre uma emergência, como urgência e, uma emergência como um nascimento ou criação da identidade, fazer-se e desfazer-se da identidade, isso de mãos dadas com fazer-nos e desfazer-nos nós mesmos, nossos corpos, nossa mente,

NÓS.

Espero transitarmos, nos fazendo e nos desfazendo, desfazendo algumas coisas que nos pesam, talvez demasiado, para esta ocasião.

Talvez lhes surpreenda esta particularidade que faço, sem embargo peço que aceitem esta situação, já que responde a uma única possibilidade,

a de relacionarmos com o mundo, ou melhor dito com os nossos mundos de maneira particular, ou seja de maneira íntima, também porque toda reflexão compartilhada tem a ver com algo, uma situação pessoal, teorizamos sobre nós no mundo, nossos mundos. E entre eles, seja o mundo do teatro, da dança, do cênico, etc, ainda que seja um momento fugaz de um cruzar de olhares, um canto de olho, ou a sensação de estar particularmente com cada um dos presentes aqui agora.

Acredito que se toda relação tem essa particularidade, que tem que ver diretamente comigo, essa relação é uma relação íntima, uma relação que se desprende desde o meu interior. Isso espero, assim que espero nos acompanhemos.

Quem sou? Onde começo? Que sou? Onde termino? Quando sou?

“Sou o que não sou”, sou de acordo ao que não sou. Henry Tajfel, psicólogo social, polonês, posteriormente nacionalizado britânico, nos faz a proposta de que a identificação tem uma relação com a comparação e, esta desenvolveria a categorização: Ou seja, sou sinais que me “particularizam ou diferenciam dos



outros”. A partir de aqui me ocupo de um lugar, ou seja, me coloco em um lugar diferente. Sou Javier porque não sou João, sou chileno porque não sou argentino, etc. Mi casa es tu casa... frase cotidiana no México quando conhecemos alguma pessoa, claramente esta expressão corresponde a um ato de generosidade e amizade, oferecendo a casa própria como possibilidade de novo encontro e espaço de amizade. Para mim como estrangeiro, com uma cultura com um grau de reserva mais marcado, não é assim. Minha casa é minha casa e, sua casa é sua casa. No momento em que sua casa seja minha casa, me produz uma desordem que inválida a comparação e diferença, então a minha lógica é posta em risco, de fato perde uma lógica de identidade, é estranho que minha casa seja sua casa, alguma coisa aqui perde identidade. Além de ser mais lógico que minha casa seja minha casa porque não é a sua, gostaria que fosse uma bela casa, tomara que melhor, maior, mais fresca, iluminada, acolhedora, interessante, etc, que a sua. Não me bastará só com encontrar esta diferença de oposição entre nossas casas, também procurarei, remarcar mais essas diferenças para que assim fique claro a identidade e não vamos perder o sentido de lógica.

Agora bem, essa extensão e

quantidade de diferenças, que somam e somam soa para mim a uma dinâmica de concorrência.

Então a identidade que crio é aquela que me particulariza e se diferencia do outro. Essa diferença é um valor o qual me traz mais ou menos benefícios: ser do grupo de teatro me faz mais exótico que ser do grupo de secretariado ou contador, isso em alguns lugares me trará maior plusvalia e em outros, claramente vão me apontar de hippie, digno de pena, maconheiro. Assim como apontamos uma competição nessa identificação e marcação das diferenças que nos dão identidade, isso nos pedirá uma organização de valores. Alguém terá que organizar, o que vale mais ou menos. Quem será que determina esse lugar, que grupo, desde onde, por quais motivos organizacionais, vai determinar esses valores?

Bom, talvez possa olhar em outra direção: Eu sou de acordo ao papel, ao rol que adoto, ou seja, agora vocês que estão aí na frente, me ouvindo, em esse lugar comum, e eu nesse lugar apartado, diferente do de vocês, (eu me encontro sentado em um lugar diferenciado que me distingue do comum) esse lugar distinguido espacialmente, geograficamente, essa situação nos instala



em papéis que nós começamos a jogar, o do aluno e do professor, então esses papéis começam a determinar minha conduta, isso nos fala Erving Goffman e sua teoria da ação social. Então eu sou professor porque nesse momento me relaciono a partir desse papel, chegando a casa serei o esposo de Ana, com minha mãe serei seu filho, com o doutor eu serei o paciente. Não só somos este papel que adotamos, mas também nos enfrentamos com outros papéis, e eles nos regulam. Digamos que aparece um acordo, uma convenção, há um establishment que nos dirige nesse sentido.

Vamos imaginar que chegamos a um concerto de rock, e no estádio encontro apenas muitas pessoas com avental branco e bisturis na mão, isso seria muito esquisito, entraria em colapso o nosso sentido de lógica... IDENTIDADE E LÓGICA, dupla que vamos desenvolver logo. Então, Goffman envia-nos a esses papéis e esses em conjunto, em diálogo, ao establishment. Somos relações organizadas, uma lógica. Agora, esses papéis foram colocados desde uma coordenação determinada por valorização e organização nascidas a partir um lugar, um lugar de identidade, uma lógica, e essa pela sua vez se apoia em uma certeza. Essa

certeza se apoiará em uma verdade.

Começamos a ouvir com mais insistência essa palavra: verdade.

Identidade – lógica – certeza – verdade.

Esse grupo de palavras são evidentes quando visitamos o dentista, o médico. A identidade que nós extraímos deles, é uma relação de: Identidade – lógica – certeza – verdade. Rapidamente nos sentamos em silêncio, tímidos, frágeis perante um homem da ciência. O identificamos, procuramos a lógica desse papel a partir de uma organização de certezas e finalmente concluímos disso, uma verdade.

Essa organização lógica, esses papéis, verdades, precisam de todo um aparato de sustento e, por isso começamos a criar instrumentos em relação ao papel desenvolvido. Exemplo: termos nos certificado, como o título universitário, uniformes, disposições espaciais específicas, etc. Adotamos isso para organizar as coisas, para não perdernos diante uma lógica que nos dá uma certeza. Nós temos essa relação de crença, credibilidade perante os papéis de maneira tão enraizada que então surgem “jogadores de papéis”. Quando se criam



os papéis, quando eles estão bem jogados, distribuídos, bem “atuados”, devem ser coerentes.

Podemos ver nos palestrantes essa relação de jogadores de papéis. Eles selecionam o papel a desenvolver e criam esse entorno que apoia ou concretiza uma verdade que acreditamos pela sua aparência, pela lógica e coerência daquela organização. Aconteceu comigo faz um ano, um homem que se vestia bem, falava e sustentava assuntos interessantes, tinha todo um aparato que me fez conceder a ele um lugar de confiança, configurou em mim toda uma disposição no meu atuar em favor dele. Então este charlatão, sumiu com o dinheiro que eu tinha-lhe facilitado para empreender uma compra importante. Quando eu conto esta anedota, meus amigos me dizem: - Mas como você acreditou nele? Como se deixou levar pela aparência? Como primeiro, não procurou conhecer essa pessoa? Então eu respondo: - Pois é, me deixei levar pelas aparências, na verdade não conhecia a pessoa. Eu vi ele atuando como uma pessoa decente, e vejo agora que acreditei em alguém jogando um papel. Meus amigos insistem: Você acredita em tudo o que vê?

Eu lhes devolvo a pergunta: Amigos, como você age quando um dentista pede para vocês sentarem e

abrirem a boca? Quando a polícia pede para você parar e descer do carro? Qual é a sua postura na aula de um professor? Sabemos se um policial é justo? Sabemos se um dentista conhece ou vai saber lidar com os meus dentes? O professor, quanto sabe do quê está ensinando? Agimos com total crença diante os papéis e suas organizações, lógicas e construções que nos dizem como nos portar perante esses papéis.

O que acontece quando recebemos um papel novo, porque isso é tanto numa direção como na inversa. Nos inserimos em um papel e também, nos concedem papéis, que determinam nossa identidade. Num caso de ausência dos pais, ou responsável da casa, o irmão maior é quem muitas vezes adota esse papel, e em pouco tempo começa agir com atitude coerente ao papel, começa a organizar o que esse papel demanda, fica mais responsável, atento, cuidadoso, etc. Um aluno dá a sua primeira aula e pronto até o tom do seu corpo muda, se instala em uma postura que lhe dê garantias de sustentar o seu novo papel. Acontece muito na adolescência que muitas meninas acabam sendo a menina bonita, mais que por uma concepção própria, adotam esta condição pelos comentários dos meninos que a



cortejam. Criam uma identidade a partir da descrição de um terceiro.

Quando aparece esse outro, essa relação me leva a outro lugar, o lugar da apreciação por parte do outro, ou seja, minha identidade a partir do olhar do outro. Eu sou o que a outra pessoa vê: Um olhar que nos constrói. O intercâmbio olhares cria um entrelaçado, construímos e nos constroem. Uma identidade emergente, recíproca, negociada. (George H. Mead).

No curso de teatro da universidade eu queria fazer o papel de Ricardo III, e a professora de atuação me dizia que não era suficiente que eu acreditasse ser Ricardo III, precisava que meus colegas, os outros atores, eles me vissem como Ricardo III, eu precisava aparecer nos olhos do outro para existir nessa identidade desejada. Começamos a ser, ou tentamos ser coerentes com essas descrições que as pessoas tem feito sobre nós, porque se não for assim, então quem seríamos nós? Ninguém?

Em toda interação atribuímos alguma coisa: - Olhe ele, deve ser feliz dentro desse carro último modelo, e no fundo não sabemos nem se é o dono do carro, etc. Nós atribuímos uma série

de qualidades ou não aquilo que não conhecemos, nos antecipamos.

Minha família ainda se pergunta como é minha vida de ator, o que faço quando não estou atuando no teatro. Acho que estariam mais tranquilos se fosse um ator de cinema ou televisão, mas de teatro? Vocês me dirão: A sua família é um pouco atrasada, certo? E eu lhe respondo: Minha família é mediana, ou seja, está numa situação comum a muitas, se não, a maioria das famílias que não tem um maior acesso ao universo artístico. Minha família lê e se dispõe perante os papéis porque assim compreendem as relações sociais.

Bom, até aqui encontramos algumas definições de identidade, de identidade social. Então me pergunto sobre minha identidade, minha relação individual com a identidade:

Como eu emergo, apareço, me construo? Sou muitas peças, pedaços de alguma coisa? Sou o funcionamento do sistema nervoso central, sou um conjunto de ossos, líquidos, impulsos elétricos, neurônios, sangue, etc? Talvez não consiga achar essa identidade contando esses fragmentos, pedaços desse Eu, um Eu biológico estrutural. Continuo com a pesquisa do Eu, da minha identidade e



começo a procurar a partir de um lugar muito profundo: minha alma é minha identidade.

Acho que nem um nem outro me deixa satisfeito ainda.

Me perguntam: Quem é você? E, eu começo: Eu sou Javier, sou assim, nasci lá, me dedico a... gosto de... faço isso e aquilo... Lendo esta descrição, ao parecer sou isso, uma descrição, uma história, ou seja um gênero literário. Sou uma novela, uma história que vai se contando a medida que a memória vai selecionando as melhores passagens, ou as passagens que preciso inventar para que eu/história seja bem sucedido. Além do mais, porque vivemos na linguagem, nada mais justo que nos relatar, contar nossa história. Somos um gênero literário. Também nos contam, nos leem, nos anunciam, enunciam, nos dão um título, etc. Todas ações legítimas de um observador, de um outro que fala de si mesmo ou diretamente de um outro lá que me observa, ou nesse caso de um eu deslocado.

Se sou uma história, esta pode ser uma bela história, posso escrever a melhor história possível. Posso ser o meu autor e nessa relação estar muito atento quando, me me escrevendo apareça passagens da história que podem ser violentas, amorosas, injustas, etc. Sou o responsável

frente a minha escrita.

Continuo procurando a minha identidade e chego a um lugar que me faz pedir ajuda as pessoas ao redor. Perguntarei a vocês: Onde eu começo? Onde acabo? (Faço essa pergunta aos assistentes presentes na aula).

Quatro pessoas respondem onde elas acham que começo e acabo, dão quatro respostas diferentes:

- Alguém de vocês está mentindo para mim, três de vocês estão mentindo: Quem são os mentirosos? Você, você, ou você? Acabamos de nos conhecer e já estão mentindo pra mim? (Essa relação com os assistentes geralmente provoca um momento de relaxamento e entramos num jogo).

Quem de vocês mente, ninguém? Ou seja, todos estão falando a verdade ou para ser mais exatos, cada um de vocês está falando a sua verdade? Será que cada um de nós temos uma verdade?

Então, se cada um de nós tem uma verdade, tem sentido falar de verdade? Verdade não é aquela coisa única, determinada por um início e final, uma certeza, medível, quantificável ou pelo menos aquela coisa certa, única que serve de referência para todo o demais?

Bom, se existem tantas verdades,



tudo isso que acabo de enumerar perde algo de sentido, de lógica, de certeza de... verdade.

Tem sentido, lógica, razão, falar de verdade?

Se não há verdade, esse lugar absoluto, talvez seja legítimo dizer que não há princípio nem fim, já que verdade é referência de princípio e fim.

Os pontos de referência verdadeiros se perderam, se perderam com a verdade. Não há começo, não há fim.... Então, o que fica? O trânsito.

Talvez sejamos só trânsito. Esse trânsito que é tão difícil de dominar, já que uma vez caçado, se transforma em uma verdade, ou pelo menos nessa ilusão de verdade.

Vocês me dirão: Javier, não me venha dizer que eu não sou algo concreto, que sou somente trânsito... o que é o trânsito? Estou de acordo que não queremos não ser, ninguém quer não ser. Ninguém quer não ser dito, nomeado, descrito... Se não me nomeam, desapareço?

- Não, aparece o silêncio! O silêncio? Mas do que está me falando, silêncio? Eu me chamo Carlos, me chame por favor. Se eu te chamo Carlos, fechamos você aí, Carlos acaba muito rápido, perde

a sua condição de trânsito, de potência.

É como o silêncio, o silêncio como possibilidade de escuta, como possibilidade de som. O silêncio é trânsito, é a infinidade que você pode ser. Só que têm que se permitir ouvir e, para isso, talvez seja necessário um pouco de silêncio.

Escutar VS Falar
Trânsito VS Posição
Potência VS Referência
Incerteza VS Certeza

- Não me confunda dizendo que eu não sou!

- É, você não é, você está sendo.

Mas, o que está sendo, que coisas estão sendo para que apareça o eu: o meu pensamento, penso logo existo? O meu sangue que corre, os meus flúidos, meu sistema nervoso agindo, minha memória, a linguagem, o mundo lá fora, o que eu sei ou ignoro? Se é um trânsito, o que trasita?

- Tudo o anterior: sou relação. Uma situação a qual é um conjunto de relações.

- Sou um acúmulo de coisas, ou seja, daqui a 20 anos mais eu deveria estar enorme de tanto que acumulo durante a vida?

- Não acho que seja bem



assim, eu tenho 41 anos de vida e se for do jeito que me diz, então deveria pesar mil toneladas e ser muito alto e, a minha aparência diz todo o contrário, acho que com o passar do tempo fico mais magrinho e mais baixinho.

Então talvez essa questão de se fazer e desfazer tenha sentido. Para que o show continue o trapezista tem que se segurar, soltar e voltar a segurar o trapézio. Me construo e desarmo constantemente.

- Mas se for assim, então não chego a nenhum lugar concreto, final, verdadeiro?

- Ao parecer só fica a potência. Você se aceita potência?

Emergimos e Desaparecemos.

Eu sei que ninguém quer sumir, desaparecer, nós queremos somente aparecer, ser, ter uma identidade. Ninguém quer ser ninguém.

Mas atentos que há vantagens:

Ulisses, usando sua particular inteligência, ao fugir do Cíclope respondeu perante a pergunta: Quem anda aí?: Ninguém! Então o Cíclope grita aos guardas: “Ninguém está fugindo, ninguém

está fugindo!”.

Se ninguém está fugindo, então não é preciso prender alguém.

- Alguém aqui gostaria de ser ninguém e conseguir assim fugir do Cíclope?

De acordo com o professor Leandro Karnal, em uma de suas aulas online comentou: “Quando eu aceitar que não sou ninguém, damos a oportunidade de emergir”.

Agora bem, em tempos como os de hoje, com tantas vozes se levantando para se fazerem visíveis e reconhecidas, como seria esse negócio, esse assunto de ser ninguém, quando temos lutado tanto tempo por ser ouvidos e não ignorados? Sinto que tem a ver com confiar no poder, na precisão de ser um trânsito tão incisivo, um trânsito que atua de maneira local, detalhada, sutil, amorosa, no espaço e tempo imediato, onde inclusive a reunião ou coincidência desses encontros produzem esse corpo social significativo. Então faço da minha prática do meu eu, desta minha “identidade trânsito” uma questão de obra de arte, como sugeriu Foucault e entre outros, fazer da nossa relação com o nosso emergir, desse detalhe transitório a melhor deriva que podemos ter consciência, uma deriva amorosa, uma



obra de arte da nossas vidas, sabendo que elas só farão uma carícia e irão embora.

Então quando te acaricio você pode, tomara, que se estremeça, ou então se surpreenda e tenha que reconfigurar seu corpo de acordo a emoção da surpresa ou do estremecimento. Esse gesto que continuará, será um gesto cheio de contundência.

Então sim, não sou as partes, não sou somente isso ou aquilo, a redução das minhas partes ou lugares, nem somente a percepção do meu entorno, a lógica dos meus conceitos. Sou o que está ocorrendo entre eles, esse conversar, esse papo entre o que está ocorrendo enquanto acontece o acontecer.

- Agora vão me dizer: Ah Javier, ok, então você mora no mundo do nunca jamais?

E eu lhe respondo: Espera aí, não, eu moro en Cuernavaca, sou homem, sou professor, etc, e você “ataca de volta”:

- Você é uma construção, uma identidade, é tudo aquilo que negou anteriormente.

- Sim, mas olhe bem, no fundo, no fundo aceito usar estas convenções, sabendo que são somente

isso, convenções, permitindo então, ser as potências que posso ser, e assim você.

Somos as relações com as coisas, não as coisas em si.

Começamos na relação, não nas partes.

Somos uma situação.

Outra relação que aponta o pesquisador Luc Delannoy, diretor do Instituto de Neuroartes. Ele nos fala em sua última publicação sobre sermos emergências ilusórias de um Todo, um Todo sem princípio nem final, sem identidade já que é um Todo.

Imagine um mar muito agitado, ondas desse mar emergindo por aqui e por lá, como uma dança. Então poderíamos pensar que cada vez que eu distingo uma onda como algo independente do mar, estou criando uma ilusão de independência, estou outorgando identidade a um trânsito que é o mar. Além disso podemos dizer que cada onda está conectada a esse Todo, ou seja não há tal onda, há uma manifestação do Todo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Maturana, Humberto. Varela, Francisco. El árbol del conocimiento. Las bases biológicas del entendimiento humano. LUMEN. Editorial Universitaria. 2003.

Maturana Romesín, Humberto. El sentido de lo humano. Editor J. C. Saez. Granica. 2008.

Tomás Ibañez Gracia
Coordinador de: Introducción a la psicología social. Editorial UOC. 2004.

Ulpiano Hernández Núñez. La construcción de la personalidad según George Herbert Mead. Universidad de Cartagena. Facultad de Ciencias Humanas. Programa

de Filosofía de Cartagena de Indias D. T. Y C. 2013. Disponível em: <www.repositorio.unicartagena.edu.co:8080/jspui/bitstream/11227/1597/1/LA%20CONSTRUCCI%C3%93N%20DE%20LA%20PERSONALIDAD%20SEG%C3%94AN%20GEORGE%20HERBERT%20MEAD.pdf>

Luc Delannoy. Neuroartes, un laboratorio de ideas. Ediciones Metales Pesados. 2015.

_____. Una cuestión de conciencia. Ediciones Metales Pesados. 2017.

Jorge Bucay. El buscador. narrativabreve.com (narrativabreve.com/2014/10/cuento-jorge-bucay-el-buscador.html)